



O LUGAR COMO PONTO DE PARTIDA: MAPAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Brendon de Araújo Leal Ramos ¹
Fernando Luiz Araújo Sobrinho ²
Maria do Socorro Ferreira da Silva ³

RESUMO

O trabalho tem como objetivo compartilhar experiência a partir de uma prática pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID, com uma turma do 6º ano do Centro de Ensino Fundamental 02, na Regional do Guará, Brasília/DF, na disciplina de Geografia, abordando o conteúdo relacionado à cartografia, especialmente os elementos de mapa. A proposta teve como foco aproximar a realidade dos estudantes por meio do uso de elementos do seu cotidiano. Para isso, foram utilizados mapas das Regiões Administrativas onde a maioria dos alunos reside — Guará e Estrutural — como material central das atividades. A abordagem buscou contextualizar o estudo dos elementos fundamentais de um mapa (título, legenda, escala, orientação e fonte), associando-os a territórios conhecidos e vivenciados pelos próprios estudantes. A metodologia adotada baseou-se na participação ativa dos alunos e promovendo o diálogo entre o conteúdo escolar e as experiências locais. Durante a aula, os mapas foram explorados para localizar pontos de referência, traçar rotas e identificar relações espaciais, permitindo também conexões com outros conceitos da Geografia, como o de “lugar” e o reconhecimento da identidade territorial. Os principais resultados observados foram o aumento do interesse pela disciplina, maior engajamento nas discussões e o fortalecimento da relação entre o conteúdo acadêmico e o espaço vivido. A prática demonstrou que o uso de referências próximas aos alunos potencializa a compreensão e favorece a construção de significados, além de estimular a valorização do território local. Conclui-se que a utilização de mapas das regionais como recurso didático contribui de forma efetiva para o ensino de Geografia no Ensino Fundamental, possibilitando que os estudantes compreendam conceitos cartográficos a partir de suas próprias vivências, fortalecendo o vínculo entre escola, conhecimento e realidade.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Lugar, Mapas, Território.

INTRODUÇÃO

Este relato apresenta uma experiência pedagógica realizada com alunos do 6º ano do Centro de Ensino Fundamental 02, na Regional do Guará (Brasília/DF) na disciplina de Geografia, cujo foco foi o ensino e aprendizagem de mapas por meio da utilização de

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade de Brasília – UnB – DF, brendonramos2309@gmail.com;

² Professor Associado do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB) e dos Programas de Pós-Graduação em Geografia (PPGEA) e Mestrado Profissional em Geografia (PROFGEO) da UnB – DF, flasobrinho@unb.br;

³ Professora orientadora: Maria do Socorro Ferreira da Silva – Doutora, Universidade de Brasília (UnB) e dos Programas de Pós-Graduação em Geografia (PPGEA) e Mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) da UnB – DF, msilva@unb.br.





materiais didáticos como mapas das Regiões Administrativas, onde a maioria dos estudantes reside — Regionais do Guará e da Estrutural. A proposta parte da premissa de que aproximar conteúdos escolares da vivência cotidiana dos alunos favorece a aprendizagem significativa e o engajamento (FREIRE, 1987). Além disso, alinha-se às competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), componente curricular da Geografia, que enfatizam o desenvolvimento do pensamento espacial e a leitura crítica de linguagens cartográficas. Para Richter (2024), o ensino da cartografia é fundamental para promover uma compreensão crítica do espaço, permitindo aos estudantes questionarem e interpretar as dinâmicas sociais, políticas e econômicas relacionadas às representações espaciais. Essa abordagem fortalece o pensamento espacial e contribui para a formação de uma cidadania crítica e emancipadora.

Sobre o ensino cartográfico, Santos, Siqueira e Feitosa (2020, p. 411) afirmam:

“[...]a cartografia é um instrumento indispensável para o ensino da geografia, pois é através dela que se constroem conceitos fundamentais, para que o indivíduo seja favorecido a conhecer e entender melhor o espaço em que vive.”

Conforme evidenciam Santos, Siqueira e Feitosa (2020), muitos estudantes chegam ao Ensino Médio sem dominar conceitos elementares de cartografia. Diante dessa constatação, torna-se fundamental que o 6º ano, etapa em que é previsto iniciar de forma sistemática o trabalho com título, legenda, escala, orientação e fonte, consolide práticas efetivas de alfabetização cartográfica. O fortalecimento dessa fase do ensino contribui para superar as lacunas identificadas pelos autores e favorece o desenvolvimento da autonomia dos estudantes na leitura e compreensão do espaço geográfico.

Neste sentido, o trabalho tem como objetivo compartilhar experiência a partir de uma prática pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID, com uma turma do 6º ano do Centro de Ensino Fundamental 02, na Regional do Guará, Brasília/DF, na disciplina de Geografia, abordando o conteúdo relacionado à cartografia, especialmente os elementos de mapa e a relação com o conceito geográfico de lugar.

Neste viés, o presente relato teve como propósitos (i) aproximar o ensino da cartografia da realidade local vivida pelos estudantes; (ii) desenvolver o conhecimento e a aplicação dos elementos essenciais do mapa — título, legenda, escala, orientação e fonte; e, considerando as análises de Santos (1996, p. 218), incorporou-se o objetivo (iii) avaliar as repercussões dessa abordagem sobre o interesse dos alunos e a compreensão conceitual, com ênfase na categoria analítica de “lugar”.





Adotou-se uma abordagem pedagógica ativa e contextualizada, centrada na exploração de mapas das Regiões Administrativas (RAs) onde os estudantes residem. Os resultados indicam que a utilização de mapas das regionais do Guará e da Estrutural promoveu aumento do interesse e do engajamento discente, além de favorecer a articulação entre conhecimentos cartográficos e dimensões socioespaciais do “lugar”. A prática evidenciou que a contextualização do objeto de estudo — ao relacioná-lo com a vivência cotidiana dos alunos — potencializa a aprendizagem significativa e a incorporação de conceitos teórico-práticos em Geografia (SANTOS, 1996), o lugar.

METODOLOGIA

A experiência pedagógica foi desenvolvida com uma turma do 6º ano do Centro de Ensino Fundamental 02 do Guará, localizado em Brasília/DF. O contexto escolar caracteriza-se por uma comunidade estudantil predominantemente residente nas Regiões Administrativas do Guará e da Estrutural, o que motivou a escolha desses territórios como referência empírica para a atividade. Os materiais utilizados consistiram em projeções digitais de mapas dessas regiões, com o objetivo de garantir a adequação pedagógica dos recursos.

Os procedimentos adotados contemplaram algumas etapas principais, tais como: observação e participação nas aulas da professora regente, Agnes Serrano; levantamento bibliográfico sobre a temática da aula; planejamento e realização da regência de classe.

A regência de classe ocorreu em duas horas aula, a partir de aula expositiva diagnóstica sobre os elementos fundamentais de um mapa — título, legenda, escala, orientação e fonte — por meio da análise conjunta dos mapas locais projetados em sala de aula. Na sequência, optou-se utilizar questões problematizadoras que permitiram que os alunos associassem os mapas representados com seus locais de afeto. Nessa fase, o pibidiano atuou como mediador, conduzindo a partir de questionamentos e incentivando a observação crítica. A culminância da sequência de ações ocorreu com a socialização, que se deu por meio de uma reflexão coletiva, em que os estudantes discutiram a importância dos mapas para compreender o espaço vivido e reconheceram o território local como parte integrante de sua formação espacial e identitária.

REFERENCIAL TEÓRICO





A concepção de ensino e aprendizagem adotada inspira-se na pedagogia crítica e dialógica de Paulo Freire, que privilegia a problematização da realidade e a participação ativa dos educandos (FREIRE, 1987). No campo da Geografia, a abordagem crítica do espaço como construção social mobiliza a ideia de que o território é vivido e percebido (SANTOS, 1996), o que legitima o uso de mapas das RAs como recurso didático para promover sentido e identidade territorial. Complementarmente, documentos e materiais didáticos oficiais, como a BNCC (Brasil, 2018) e o Currículo em Movimento do Distrito Federal (Brasília, 2018), orientam a incorporação de habilidades de localização e leitura cartográfica nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

A obra *Topofilia*, de Yi-Fu Tuan (2015), propõe compreender a relação afetiva e simbólica entre o ser humano e o espaço, destacando como a experiência vivida transforma o espaço em lugar. Para o autor, o lugar é carregado de significados que emergem das percepções, memórias e sentimentos construídos nas interações cotidianas. Essa perspectiva rompe com a visão puramente objetiva e abstrata do espaço, incorporando dimensões sensoriais, emocionais e culturais. Assim, a Geografia considera o vínculo afetivo com o ambiente como elemento essencial para entender o modo como os indivíduos percebem, organizam e se apropriam do território em que vivem.

No contexto educacional, essa abordagem contribui para o ensino da cartografia ao aproximar os conceitos científicos dos saberes cotidianos dos estudantes. A produção de mapas das regiões onde os alunos moram, por exemplo, permite integrar noções básicas — como escala, legenda, orientação e fonte — à vivência concreta e ao sentimento de pertencimento ao lugar. Nessa prática, o mapa deixa de ser apenas um instrumento de representação espacial e passa a expressar também os significados e afetos atribuídos ao espaço vivido, evidenciando o que Tuan (2015) denomina de vínculo topofílico.

Dessa forma, o ensino de cartografia torna-se mais significativo, pois conecta o conhecimento escolar às experiências pessoais e culturais dos estudantes, fortalecendo a compreensão do conceito de lugar como dimensão vivida e sentida da realidade geográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Os resultados da intervenção foram organizados em três núcleos analíticos que apontam para efeitos complementares sobre o processo de ensino e aprendizagem. Primeiramente, verificou-se um claro incremento no engajamento discente (Figura 1). Na aula em que partiu-se de mapas das RAs do Guará e da Estrutural, evidenciou-se maior frequência de intervenções orais, visto que os alunos identificaram locais conhecidos e de afeto, mostrando as suas percepções a partir dos locais que passavam cotidianamente. Essa estratégia, que priorizou os espaços de vivências dos educandos, possibilitou uma aprendizagem mais significativa do conteúdo elementos cartográficos.

Esse aumento de interesse não se limitou a uma reação passiva; ao contrário, propiciou problematizações espontâneas da realidade local, alinhando-se à perspectiva freiriana de aprendizagem que emerge da relação entre saberes escolares e experiências concretas (FREIRE, 1987).

Figura 1: Estudantes empolgados durante a aula.



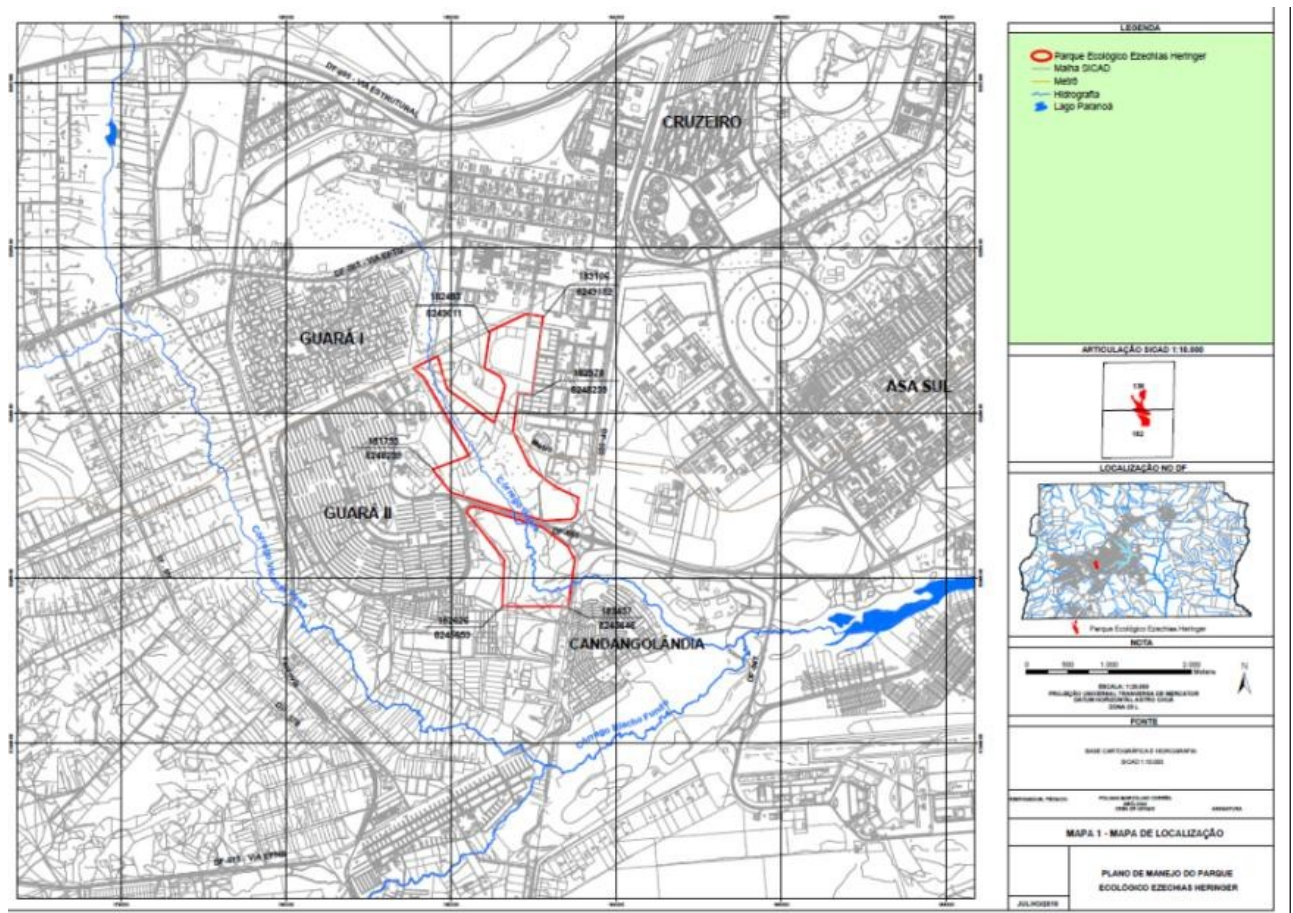
Fonte: Acervo Pessoal, maio/2025.

Nas aulas observou-se apropriação prática e conceitual dos elementos cartográficos. Através de tarefas de identificação de título, legenda, escala, orientação e fonte, bem como do



Com o uso do mapa projetado (Figura 2), os alunos foram estimulados a participarem, para irem ao quadro e apontar/reconhecer os elementos essenciais de um mapa, como título, orientação, escala, legenda e fonte.

Figura 3: Parque Ecológico Ezequias Heringer – Guará/DF.



Fonte: Base Cartográfica e Hidrográfica – SICAD 1:10.000, 2010.

Já no mapa acima (Figura 3), foi realizado o mesmo exercício de identificação dos elementos. O título por exemplo, não está explicitado na barra superior do mapa, como na Figura 2, mas logo os alunos conseguiram visualizar o mapa por completo e encontraram facilmente o título nas informações na lateral direita do mapa.



Figura 4: Representação da Região Administrativa da Estrutural.



Fonte: Mapbox.

Na Figura 4, os estudantes verificaram a ausência de título, legenda e fonte, por exemplo, na representação da RA da Estrutural. Com isso, logo perceberam que faltavam elementos importantes na imagem, sendo que do ponto de vista técnico, a representação acima, teoricamente, não pode ser considerada um mapa, pois não possui os elementos fundamentais para a identificação de um mapa.

A atividade de identificação dos elementos cartográficos, realizada com mapas das RAs do Guará e da Estrutural, revelaram com nitidez a dimensão socioespacial do lugar, ao estimular descrições e narrativas em que espaço físico e vivência cotidiana se entrelaçam — trajetos diários, espaços de lazer e pontos de referência afetiva atuaram como mediadores do conhecimento cartográfico e da identificação territorial. Logo, assim que os mapas foram projetados, os alunos identificaram locais do cotidiano como mercados, padarias e farmácias e áreas de lazer – Centro Olímpico na RA da Estrutural e o Parque Ecológico Ezechias Heringer, no Guará.

Nessa perspectiva, o mapa projetado, ancorado no espaço vivido dos estudantes deixa de ser mera abstração técnica e passa a registrar memórias, práticas e afetos que constituem o lugar, indicando que o ensino de cartografia pode e deve mobilizar dimensões sensoriais e simbólicas para produzir aprendizagens significativas (TUAN, 2015). Os resultados, de identificação dos elementos cartográficos, vinculados aos lugares de vivências





dos estudantes, corroboram também a leitura de Milton Santos sobre a produção social do espaço: representações cartográficas não são neutras, mas produtos de práticas e relações sociais que selecionam e hierarquizam porções do território, conferindo-lhes valor e sentido (SANTOS, 2006). Assim, o uso didático de mapas das Regionais mencionadas opera como facilitador da aprendizagem ao integrar competências técnico-cartográficas (escala, legenda, orientação e fonte) e reflexões críticas sobre autoria e finalidade das representações espaciais; pedagógica e conceitualmente, isso reforça a necessidade de materiais locais e de exercícios de leitura crítica das linguagens cartográficas, promovendo tanto a compreensão conceitual quanto o fortalecimento do sentimento de pertencimento territorial dos alunos. A leitura crítica, com base nas linguagens cartográficas, ocorreu a partir no momento em que os estudantes puderam refletir a sua própria visão e conhecimento sobre o lugar de vivência considerando a representação espacial. Contudo, também foi possível observar a presença e ausência dos elementos fundamentais para a melhor compreensão dos fenômenos representados e sua relação com o estudo do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID demonstrou que o ensino de Geografia, quando ancorado nas vivências e nos territórios cotidianos dos estudantes, potencializa a aprendizagem significativa, considerando o aprofundamento a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes e dos seus locais de vivências e sua relação com o conteúdo da aula fortalece o vínculo entre conhecimento escolar e realidade local. O uso de mapas das RAs do Guará e da Estrutural revelou-se uma estratégia didática eficaz para aproximar os conteúdos cartográficos das experiências concretas dos alunos, promovendo engajamento, participação ativa e a construção de sentido com base no conceito de lugar.

A prática possibilitou que os estudantes compreendessem os elementos fundamentais dos mapas — título, legenda, escala, orientação e fonte — não como abstrações técnicas, mas como instrumentos de leitura e interpretação do espaço vivido. Essa apropriação crítica, fundamentada na pedagogia dialógica de Freire (1987) e na concepção de espaço e lugar de Santos (1996) e Tuan (2015), evidencia a importância de uma abordagem geográfica que valorize a subjetividade, a memória e o afeto como dimensões constitutivas do território. Ao





reconhecer as RAs como espaço de aprendizagem, os alunos passaram a perceber-se como sujeitos que produzem e interpretam o espaço, ampliando sua consciência geográfica e cidadã. Como exemplo, pode-se mencionar a identificação nos mapas dos locais de afeto, como o Centro Olímpico na Estrutural e o Parque Ecológico Ezechias Heringer. Além disso, a intervenção reforça a relevância da contextualização no ensino da cartografia, mostrando que o uso de materiais como mapas locais favorece a internalização dos conceitos e a reflexão crítica sobre o papel das representações espaciais na construção do conhecimento. O fortalecimento da identidade territorial, a partir do reconhecimento dos locais de afeto e o sentimento de pertencimento observados entre os discentes, reforçam a importância do ensino e aprendizagem de Geografia partir do lugar vivido, articulando teoria e prática, técnica e emoção, razão e sensibilidade, exatamente como propõem as bases da Geografia humanista e crítica contemporânea.

Conclui-se que práticas pedagógicas ancoradas no espaço vivido pelos estudantes possibilitam uma educação geográfica verdadeiramente significativa, pois partem de referências concretas, perceptíveis e próximas da realidade cotidiana. Quando o processo de ensino e aprendizagem prioriza essas experiências, o aluno compreende que os fenômenos geográficos não são abstrações distantes, mas elementos presentes na sua rotina, o que favorece a construção de conhecimentos relevantes e duradouros. Essa abordagem também assume caráter emancipador, uma vez que desenvolve a capacidade crítica dos estudantes para interpretar o território, reconhecer relações de poder que o estruturam e compreender seu próprio papel na produção do espaço.

Nessa perspectiva, o mapa deixa de ser um objeto estático ou meramente ilustrativo e passa a atuar como uma ferramenta viva de construção de sentidos. Ele adquire essa qualidade porque permite que o estudante represente, interprete e ressignifique o espaço que habita, articulando dimensões técnicas, simbólicas e afetivas. Ao manipular mapas, os alunos estabelecem conexões entre a leitura cartográfica e a leitura social do território, ampliando sua autonomia intelectual. Assim, o professor se consolida como mediador desse processo, orientando o diálogo entre experiência, análise espacial e reflexão crítica, reafirmando que ensinar Geografia é ensinar a compreender o mundo a partir do lugar onde se vive.





AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio, dedicação e compromisso de diversas pessoas e instituições que contribuíram, de maneira decisiva, para a construção e o fortalecimento desta experiência pedagógica. Expresso minha profunda gratidão à professora regente de Geografia do Centro de Ensino Fundamental 02 do Guará, Agnes de França Dantas Serrano, cuja orientação sensível, rigorosa e sempre presente foi fundamental para o desenvolvimento de todas as etapas da atividade. Sua abertura para o diálogo, sua confiança no processo formativo do PIBID e sua disposição em integrar práticas inovadoras ao cotidiano da sala de aula foram elementos essenciais para que a proposta se consolidasse de forma significativa.

Agradeço igualmente aos coordenadores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Maria do Socorro Ferreira da Silva e Fernando Luiz Araújo Sobrinho, que desempenharam papel determinante na organização, acompanhamento e qualificação das ações pedagógicas aqui desenvolvidas. A atuação criteriosa da coordenação, com suporte teórico e metodológico, aliada ao incentivo constante à reflexão crítica, possibilitou um ambiente formativo sólido e colaborativo.

Estendo meus agradecimentos à escola e, especialmente, aos estudantes do 6º ano do CEF 02 do Guará, que participaram com entusiasmo e receptividade das atividades propostas. A interação, marcada pela curiosidade, pelo engajamento e pela troca de saberes, reafirmou a relevância do diálogo entre escola, universidade e comunidade, fortalecendo a convicção de que práticas contextualizadas são essenciais para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu lugar no mundo.

Por fim, registro meu reconhecimento ao PIBID enquanto política pública de formação docente, que possibilita vivências concretas no ambiente escolar e contribui para a construção de identidades profissionais comprometidas com uma educação democrática, contextualizada e socialmente referenciada. A experiência aqui relatada reforça a importância desse programa para a qualificação do ensino e para o desenvolvimento de futuros professores preparados para atuar com sensibilidade, responsabilidade e rigor acadêmico.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 out. 2025.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em movimento do Distrito Federal – ensino fundamental: anos iniciais – anos finais**. 2. ed. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RICHER, D. Ensino de Geografia e Mapas. In: , v. 15, n. 25, p. 05-23. Campinas, 2024.

SANTOS, Fernanda Rayane Tavares dos; SIQUEIRA, Rafaela Silva de; FEITOSA, Ailton. A importância da alfabetização cartográfica no ensino-aprendizagem da Geografia. *Diversitas Journal*, Santana do Ipanema, v. 5, n. 1, p. 409–421, jan./mar. 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 5. ed. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.

